

Sobre Respostas de Poetas Resistentes

Ida Alves

Universidade Federal Fluminense

Resumo: A partir do inquérito *Poesia e Resistência* realizado pela *Rede Internacional LyraCompoetics*, análise das respostas de um conjunto de poetas de língua portuguesa. As noções da palavra *resistência*, suas implicações éticas e estéticas. Resistência, crítica e política em alguma poesia portuguesa e brasileira moderna e contemporânea de língua portuguesa.

Palavras-chave: resistência; poética; ética; poesia moderna e contemporânea; poesia portuguesa; poesia brasileira

Abstract: From the Poetry and Resistance survey conducted *the International Network LyraCompoetics*, analysis of responses to a set of Portuguese-speaking poets. The notions of the word *resistance*, its ethical and aesthetic implications. Resistance, criticism and politics in some modern and contemporary Portuguese and Brazilian and Portuguese language poetry.

Keywords: resistance, poetics, ethics, modern and contemporary poetry, poetry Portuguese, Brazilian poetry

Em 2012, foram divulgadas no site da Rede Internacional LyraCompoetics respostas de diversos poetas ao inquérito “Poesia e Resistência”, que apresentava as seguintes questões: “A poesia é uma forma de resistência? Sempre, por definição? Ou apenas em determinados contextos – sociais, políticos, culturais? Como pode resistir a poesia e a quê?”¹ As interrogações eram provocativas já que, por todos os lados da sociedade contemporânea,

a literatura considerada mais exigente parece ocupar um lugar afastado do movimento do mundo, com recepção muito limitada, pouco frequentada em relação ao consumo de uma produção cultural ruidosa, deleitável, que alivia as tensões da vida diária, para satisfação de um mercado de entretenimento diversificado e vasto. Nesse contexto mercadológico, a problematização da poesia, um nicho ainda mais restrito de interesse, como forma de resistência soa como certo romantismo anacrônico. No entanto, quarenta e quatro poetas de língua portuguesa responderam (21 brasileiros e 23 portugueses, de idades bem diferentes, o mais velho nascido em 1928 e o mais novo, em 1985) e isso, já por si, é significativo, pois, para esses escritores, o tema do inquérito provoca uma reação, a vontade de expor um ponto de vista. Nosso objetivo então, neste artigo, é refletir, ainda que de forma inicial, sobre o conteúdo dessas respostas e suas implicações, uma vez que demonstram, na sua diversidade, como alguma poesia de língua portuguesa compreende, na atualidade, a questão de resistência. Analiso as respostas na perspectiva de um leitor interessado, limitando-me a confrontar o que dizem esses poetas que continuam a produzir poemas mesmo num ambiente de indiferença e que, apesar dessa indiferença, ainda encontram leitores para seus livros. Importa pensar que ideia de resistência circula entre essas duas pontas, poeta e seu leitor. Talvez valesse a pena que a Lyra fizesse outro inquérito sobre o tema, mas dessa vez seria a vez do leitor comum e do leitor crítico responderem: “Ler poesia é um gesto de resistência? Por quê? O leitor comum resiste à poesia?”

Como sabemos muito bem, a palavra “resistência” tem largo uso na língua portuguesa, em diferentes áreas.² Em estado de dicionário, significa “qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo, defesa, contra-ataque, força que se opõe ao movimento, ato ou efeito de não ceder”. Na etimologia da língua, o substantivo, com circulação a partir do século XIV, foi derivado do verbo resistir, do latim *resistere*, “ficar firme, aguentar”, formado por RE-, “para trás, contra”, mais *sistere*, “ficar firme, manter a posição”. Na física, no campo da mecânica dos sólidos, é entendida como “a força resultante da aplicação de uma força sobre um material. É a deformação do material que gera essa força, na medida direta de seu módulo de elasticidade”. Na engenharia, a resistência mecânica de uma estrutura é a sua capacidade de suportar as condições externas sem que estas venham a lhe causar deformações plásticas. Resulta do atrito criado pela fricção entre dois objetos

(de igual ou diferente material), com uma dissipação de energia. Na ecologia, é a capacidade que um sistema apresenta de manter sua estrutura em funcionamento diante de um distúrbio. Na política, com uso mais generalizado, é o conjunto de iniciativas levadas a cabo por um grupo de pessoas, que defendem uma causa, um ideal.

Essa ampla circulação linguística, através dos séculos e em áreas diferentes, reflete, de um lado, a necessidade contínua de agir contra movimentos de ataque, práticas de destruição, formas de oposição, ou, de outro, no campo do trabalho, indica as relações de atração ou incompatibilidade entre materiais diferentes. Termo, portanto, largamente usado, foi no século XX que recebeu, a partir da brutal experiência das duas grandes guerras, uma forte dimensão ideológica, significando a luta política e moral contra uma realidade de opressão, violência e horror responsável pelo inenarrável de nossa história moderna e contemporânea. Passou de fato a nomear um movimento (a *Resistência francesa*, por exemplo) que defendia uma posição social e filosófica de não aceitação de uma ordem indigna, inumana. Foi no bojo desse tempo que se constituiu de forma mais sistemática e mais evidenciada, em diversos espaços, a função de resistência para a escrita literária, como tratou, para citar apenas um nome, Sartre, em sua obra tão célebre *Qu'est-ce que la littérature* (1948). É claro que bem podemos dizer que já Camões resistia com a pena na mão e, noutra, com a espada, às dificuldades da vida de soldado embarcado, mas sobretudo aos ouvidos surdos da sociedade de seu tempo, incapaz de reconhecer o engenho e a arte, ao ser guiada apenas pelo desejo do vil metal,

Um ramo na mão tinha...Mas, ó cego,
 Eu, que cometo, insano e temerário,
 Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
 Por caminhos tão árduo, longo e vário?
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar, com vento tão contrário,
 Que, se não me ajudais, hei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhai que há tanto tempo que, cantando
 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,

A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Cânace, que à morte se condena,
Nua mão sempre a espada e noutra a pena.
(*Lus*, VII, 78 e 79)

mas o fato é que nunca se falou tanto, como no século passado e agora, de resistência e seus termos correlatos. Faz sentido que assim seja.

A maior parte dos poetas que responderam ao inquérito amadureceram exatamente nesse período de “engajamento”, dos anos trinta a sessenta, e, em decorrência, foram marcados também por uma compreensão da literatura como ação sobre o mundo, como ato de luta ao autoritarismo, vontade de denúncia e inconformismo. Para alguns poetas portugueses, então, que experimentaram as várias décadas de salazarismo, a realidade lhes impunha de forma mais concreta essa necessidade de combate como se formulou num movimento como o Neo-Realismo, o qual ainda mexe com certas sensibilidades críticas e provoca reações acaloradas, pois, de um lado, ficou ligado, nas suas piores realizações, a uma arte sufocada pelas orientações de partido, e, de outro, com seus melhores escritores, problematizou a relação entre escritor, palavra e mundo, gerando atrito, repensando a coisa literária e a função “escritor” em relação às demandas da sociedade, dos seus leitores. Assim, logo de início, na análise das respostas dos poetas portugueses, percebe-se a preocupação de separar a ideia de resistência do ato poético da ideia de resistência a regimes que movimentou certa literatura anterior. Para os brasileiros, isso não se configura da mesma forma, é claro, mas também querem se descolar de qualquer visão passadista de poesia engajada e ideologicamente marcada. Buscam todos como paradigma uma produção poética que tem, do lado português, figuras fortes como Carlos de Oliveira, Sophia de Mello Breyner Andersen, Jorge de Sena, Luiza Neto Jorge, Ruy Belo, Herberto Helder e, do lado do Brasil, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, entre alguns outros importantes poetas, vozes independentes que não se omitiram frente ao autoritarismo e à indiferença social. Fazendo essas ressalvas, de que resistência falam esses poetas que estão conosco, vivos, publicando numa contemporaneidade tão híbrida em termos de valores e

tantas vezes tão descompromissada em termos políticos e sociais?

Ora, o exame das respostas colhidas até o momento demonstra traços comuns: os verbos mais utilizados pelos poetas são *enfrentar, resistir, recusar, questionar, não aceitar, participar, reagir, denunciar, amotinar e subverter*; todos continuam a considerar, ainda que alguns disfarcem com certa ironia, que o ato de escrever poesia é inevitavelmente da ordem da resistência e que cabe ao poeta enfrentar (e cito os termos utilizados) *medos e fantasmas, a morte, contextos políticos indignos, a degradação, a corrupção da lírica, a lírica consumível, a negação da vida, os oligopólios de comunicação social, o empobrecimento da experiência, a massificação, o abastardamento e a banalização da linguagem, a degradação do verbo*; para os poetas mais velhos, a poesia é sobretudo um ato de insubordinação, sinônimo de liberdade, é uma *sobrevida*; para os poetas mais jovens, a própria ideia de resistência encontra-se desgastada, embora o escrever possa ainda ser uma atitude possível de oposição ao consumismo das multidões e a uma indústria cultural espetacular, constituindo um projeto de existência e criação estética na contramão do cotidiano conformado e controlado.

A noção de resistência transita também, nessas respostas, do conteúdo para a forma, ou seja, se para os mais velhos há uma mensagem a ser transmitida a partir do trabalho exigente sobre a língua, para os mais novos, há a desconfiança da palavra útil e o compromisso com a linguagem é igualmente problematizado ou polemizado. Uma consideração muito repetida é a de que o trabalho poético atua sobre a língua como uma força sobre uma determinada matéria, produzindo fricções, fazendo pressão para responder à força contrária da banalização e da utilização ordinária. Há uma perspectiva muito acentuada de estarem escrevendo poesia num tempo que lhes exige novas formulações do literário capazes de dar conta de questões contemporâneas como os efeitos da comunicabilidade, o domínio da cultura de massa, a instabilidade de valores, a aceleração das experiências cotidianas, a espacialização virtual. É pena, porém, que não tenhamos ainda nesse “inquerito” respostas de mais poetas de outras línguas e culturas fora da perspectiva ibérica (até o momento, há somente a contribuição de um conjunto de poetas espanhóis), para verificarmos modos diferentes de entender a produção e circulação de poesia hoje, divergências e convergências. Trago, então, para esse espaço estrangeiro ainda pouco

ocupado, um poeta francês e também pensador do lirismo moderno e contemporâneo, Jean-Michel Maulpoix, o qual tem amplo reconhecimento de crítica e de público, mantendo inclusive um *website*³ sobre seu trabalho de e com a poesia. Em seu livro *Le poète perplexe* (2002: 37), escreve:

Conceber a poesia como um espaço de língua resistente não significa de forma alguma configurá-la como refúgio (contra as dificuldades de uma época), mas sobretudo como corda sensível, agulha de sismógrafo, câmara de ecos e posto de observação. Um poeta contemporâneo é, de início, “um contemporâneo que escreve poesia”. (Wallace Stevens). O trabalho que o poeta efetua na língua o mantém no centro de seu tempo, transporta-o aos seus extremos, e o separa, destaca-o.⁴

O poeta lembra ainda um outro aspecto da resistência da poesia quando diz que “o poema é uma casa para o sentido, ele é também para a língua um abrigo. Uma memória e uma experiência humanas resistem aí ao esquecimento.”⁵ (*idem*: 67). Usa uma imagem interessante ao dizer que a poesia “é o estado presentemente crítico da língua. Sua contemporaneidade, pode-se dizer. Poema, esse fragmento da língua que se encarna: ele pode fazer sofrer, como uma unha”⁶ (*idem*: 260). Essa imagem do poema como unha encravada é boa o suficiente para nos afastarmos completamente da ideia pacificadora de poesia como refúgio, como equilíbrio ideal entre o homem e o mundo. Pelo contrário, ela é o espaço da intranquilidade, da tensão, da insatisfação. Mais “larvaire que sublime” [rasteira que sublime] (*idem*: 261), explora o prosaico e o comum, para pressionar a língua de todos, abrindo lacunas e desautomatizando relações e sentidos, pois “[s]e o lirismo é ainda possível hoje em dia, é antes de tudo como uma questão que não passa. Uma questão que a literatura põe a si própria no interior da poesia. Uma questão também que a poesia faz à sociedade, a esta vida, a nossa.”⁷ Em síntese: “Le lyrisme ne se résigne pas.” [O lirismo não se resigna] (*idem*: 264). Cita, por exemplo, um outro poeta, nascido em 1925, Lorand Gaspar, o qual, em 1978, escrevia: “O poema não é uma resposta a uma interrogação do homem ou do mundo. Ele não faz senão que aprofundar, agravar o questionamento.” (*apud* Maulpoix 2002: 264).

Ora, voltando às respostas dos poetas de língua portuguesa, vemos que eles também exploram a ideia de resistência em sentido amplo na relação homem, linguagem e mundo.

Muitos expressam a ideia de que a poesia atua como um freio ao movimento impiedoso de massificação cultural, consumismo e mediocridade generalizada. Muitos também preocupam-se em enfatizar que a questão da resistência passa necessariamente pela relação tensa entre poeta e linguagem no processo de renovação estética e ruptura de padrões rotineiros de comunicação. É inevitável perceber como todos, no fundo, se encontram numa defesa da poesia como espaço de respiração e de singularidade, de não submissão ao unívoco, ao utilitário e ao apagamento de certos traços estéticos e éticos. São palavras-chave: desassossego, inquietude, inconformação. Os poetas não descartam a validade de suas existências em sociedades indiferentes ao poético, pelo contrário, frente a isso, acham-se mais necessários ainda. Um poeta chega mesmo a dizer que fazer poesia é uma espécie de “cataquese”.

Após esse quadro geral, faço um recorte: ênfase somente certas respostas produzidas por alguns poetas-críticos, ou seja, por aqueles que exercem a crítica de poesia de maneira mais sistemática na Universidade, como professores de literatura, ou em livros de contribuição teórica reconhecida por pares. São eles os brasileiros António Cícero, Paulo Franchetti e Marcos Siscar, e os portugueses Manuel Gusmão e Nuno Júdice.

Como era de prever, essas respostas são mais conceituais e elaboradas do que as demais, mesmo mais extensas. Nelas, o poeta cede espaço maior ao crítico e à reflexão sobre o poético. Cada um enfatiza uma face da escrita de poesia e, no lugar de resistência, assumem uma outra noção para compreender o que faz a poesia na contemporaneidade. Assim António Cícero fala de **perversidade** da poesia, já que “o que a poesia pode fazer e efetivamente faz é usar a linguagem de um modo que, do ponto de vista da linguagem prática ou cognitiva aparece como perverso, pois se recusa, por exemplo, a aceitar a discernibilidade entre significante e significado [...]”. É para ele também que a poesia exerce uma função específica: a **frenagem** frente à “aceleração desembestada” que marca nossa época. Defende a inutilidade do poema (“A rigor, o poema não serve para nada”), como sua recusa a uma lógica de produção e de valorização da sociedade de consumo. Portanto, para este poeta, a resistência é hoje uma prática consciente de desaceleração, de exigência de lentidão que a leitura pode assumir. Aliás, sobre essa perspectiva, no campo poético português, é bem produtivo pensar como certos poetas exploraram essa frenagem, sem

nomeá-la explicitamente, ao insistirem numa linguagem densa que exige um leitor paciente, sem pressa, como vemos especialmente, por exemplo, na poesia de Carlos de Oliveira, Gastão Cruz, Fiama H.P. Brandão, Luiza Neto Jorge, Ruy Belo, Herberto Helder, João Miguel Fernandes Jorge, com versos que se constroem em torno da ideia de ler *de-vagar*, explorando camadas densas, tensas de sentidos, lentamente elaboradas na leitura.

Já o posicionamento de Paulo Franchetti é chamar a atenção para a “resistência à ideia ou bandeira da literatura como resistência”, colocando em cheque a poesia desde seu interior na relação com o leitor. Esse poeta discute a validade de uma certa expectativa de resistência como traço valorativo do que seria uma poesia forte. Ao fazer isso, questiona a própria formulação das perguntas feitas e considera que a “resistência” se torna um valor elástico ao ser encontrado em tipos muito diferentes de objetos literários “que julgo interessantes ou que estão sacralizados pela tradição”. Ou seja, discute até que ponto resistência não se torna um valor prescritivo de alguma crítica e, frente a essa imposição, caberá ao poeta a não submissão a esse crivo qualificativo / qualitativo.

Marcos Siscar, em sua resposta, discute a noção do **irresistível**, deslocando-se da ideia comum de resistência.

Para encurtar, proponho associar a poesia ao *irresistível*. É o que me parece estar em jogo, quando se pensa a resistência como ponto de partida: tanto a resistência *da* poesia quanto a resistência *à* poesia. Explico.

Em primeiro lugar, a poesia é uma forma de *suportar* o drama do apagamento do irresistível. Dizendo de outro modo (para torná-lo mais imediata aos nossos ouvidos), poesia é aquilo que explicita o drama da resistência, o drama do descompasso entre o que decidimos e o que queremos, entre o que julgamos e o que podemos ver.

Poesia é o suporte que resiste ao apagamento daquilo que é irresistível. Ela está atenta para as implicações daquilo que é da ordem da “intuição”, da “inspiração”, do impulso, do deslumbre, da surpresa da adesão, da explicitação do pressuposto, das frases vindas de “lugar algum”, da sedução e do terror sublimes, de tudo aquilo que se apresenta *como tal*, antes mesmo de qualquer decisão consciente ou estratégica. Resistir ao apagamento desses irresistíveis me parece ser uma tarefa da poesia. O irresistível não deve ser denunciado nem louvado. Trata-se apenas de constatar que ele é um elemento necessário para o pensamento da resistência, qualquer que seja sua modalidade. E isso se vê em poesia, *como* poesia.

Essa explicação do irresistível une-se, no pensamento poético de Siscar, à ideia de *crise*, que ele considera, em livro publicado em 2010, *Poesia e crise*, “um dos elementos fundantes de nossa visão da experiência moderna” (10). É provocativo o modo como o ensaísta aborda esse elemento, questionando a retórica apocalítica que trata a literatura (e a poesia) contemporânea como em estado terminal, sem reconhecimento de que a crise pode ser o necessário índice de dinamismo e renovação da linguagem estética. A crise é, então, para esse poeta-crítico a condição exigida para a relação consequente entre poesia e mundo, a afirmação do seu estado “irresistível”.

Do lado português, Manuel Gusmão explora, no lugar da resistência da poesia, a resistência do sujeito no poema, reagindo ao “vasto simulacro de uma voz sem sujeito de uma cultura mediática de massa, que esborrata, apaga e evapora o complexo e rude som da fala entre homens”, numa cultura informe dominante. Gusmão valoriza assim a elocução e o *co-mover*, unindo sujeito e receptor, para defender a dimensão dialógica da poesia, preocupação aliás muito presente em sua própria poesia: “Não consentir que ao mundo imponham a ausência/ de palavra; porque o mundo em nós e fora de nós/ é o que nos faz falar segundo o desejo.” (Gusmão 2007: 75). O gesto escritural é assumido como uma prática de convívio e de partilha do sensível, na direção do que pensa Jacques Rancière, levando Gusmão à defesa de uma **po-ética**: “Porque é um fazer, a poesia é [...] a invenção de possíveis verbais que supõem uma apropriação para que funcionem – ou a produção de gestos verbais que desenham figuras do humano é uma prática e uma ética: uma po-ética” (Gusmão 2010: 146). Em sua escrita poética e ensaística, Gusmão nos lembra constantemente de que “o mundo é nossa tarefa” e atribui à poesia o lugar de um “diálogo resistente” (cf. Gusmão 2007 e 2010).

Em direção a esse diálogo, também se encaminha Nuno Júdice quando escreve: “Associo então a resistência em poesia à presença do sujeito na escrita”, valorizando a sua liberdade de elocução, a sua não submissão a normas exteriores ou a expectativas programáticas. Notemos que a presença do sujeito na escrita tanto se refere ao personagem da linguagem que é o poeta como o seu leitor. O poema torna-se, em decorrência, um campo de vozes, um lugar vagaroso, também, que permite o encontro de subjetividades que

têm como ponto em comum a necessidade da palavra fora do circuito pragmático e comunicativo cotidiano, fora da experiência do consumível. Nega a conotação ideológica do termo (o aspecto político, o engajamento), mas também se afasta da conotação esteticista de que a literatura deva ser uma busca permanente de originalidade e de diferença. Para o nosso tempo, escrever um poema é “uma continuidade da relação primordial entre a palavra e o sujeito que constitui a sua razão mais profunda.” Portanto, o poeta busca o encontro, o reconhecimento de vozes em experiências comuns do mundo circundante.

Em suma, esses quatro poetas-críticos deslocam a noção de resistência por outras duas noções fortes: *frenagem* e *elocução*: outra experiência do tempo, outra presença do sujeito em estado de diálogo. Trata-se, portanto, não da resistência da poesia mas da poesia resistente, porque crítica da linguagem e da subjetividade, problematizadora de si própria e da vida, em permanente estado de alerta ou do irresistível ou de crise. Resiste no ato de escrita e no ato de leitura, solicitando do poeta e do seu leitor a disponibilidade de fala e de escuta, uma atenção permanente ao fora de si.

O inquérito, portanto, torna-se um material bastante instigante no seu movimento de construção (já que continuamente aberto a receber respostas e leituras) para pensar a escrita de poesia hoje. Se, percorrendo as diversas respostas, vemos quão variada pode ser a concepção de resistência, percebemos também que, aos poetas, importa, mais que resistir, *insistir* num fazer e num pensar poéticos com plena consciência de sua precária condição de existência.

Bibliografia

Camões, Luís (1978), *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora.

Gusmão, Manuel (2007), *A terceira mão*, Lisboa, Editorial Caminho.

-- (2010), *Tatuagem & palimpsesto - Da poesia em alguns poetas e poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Maulpoix, Jean-Michel (2002), *Le poète perplexe*, Paris, José Corti.

Sartre, Jean-Paul (2007), *Qu'est-ce que la littérature?*, Paris, Gallimard, Coll. Folio Essais [1948].

Ida Alves é professora associada de graduação e pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, Rio de Janeiro, desde 1993. Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2000. Vice-Diretora do Instituto de Letras da UFF. Coordena o Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana – NEPA-UFF (www.uff.br/nepa). É Coordenadora de Pesquisa do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), sediado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (www.realgabinete.com.br). Lidera com a Profa. Dra. Celia Pedrosa (Teoria da Literatura – Literatura Brasileira / UFF) o Grupo de pesquisa “Poesia e Contemporaneidade” – CNPq. Coordena ainda o Grupo de pesquisa “Estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa” - CNPq. É coeditora das Revistas Abril – NEPA UFF (www.uff.br/revistaabril) e Cadernos de Letras da UFF (<http://www.cadernosdeletras.uff.br/>).

NOTAS

1 Para acessar diretamente o inquérito, visitar <<http://www.lyracompoetics.org/pt/poesia-e-resistencia/>>

2 As definições que se seguem foram colhidas em dicionários e enciclopédias on line, como <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Resistencia.html>> , wikipédia e sites afins, exatamente para registrar os sentidos generalizantes.

3 Ver <<http://www.maulpoix.net/index.html>>

4 “Concevoir la poésie comme un espace de langue résistante ne signifie nullement la constituer en refuge (contre “le tunnel de l'époque”), mais plutôt en corde sensible, en aiguille de sismographe, en chambre d'échos et en poste d'observation. Un poète contemporain, c'est d'abord 'un contemporain qui écrit de la poésie' (Wallace Stevens). Le travail qu'il effectue dans la langue le tient au centre de son temps, le transport vers les extrêmes, et le décroche, déenchainé (Maulpoix 2002: 37). Tradução em português nossa. As próximas citações traduzidas também são de nossa responsabilidade.

5 “Et si le poème est une demeure pour le sens, il est aussi pour la langue un abri. Une mémoire et une expérience humaines y résistante à l'oubli.” (*idem*: 67).

6 “(...) est l'état présentement critique de la langue. Sa contemporanéité, pourrait-on dire. Poème, ce morceau de langue qui s'incarne: il peu faire souffrir, comme un ongle” (*idem*: 260).

7 “Le poème n'est pas une réponse à une interrogation de l'homme ou du monde. Il ne fait que creuser, aggraver le questionnement” (*apud idem*: 264).